

Relato de viagem, uma experiência...

Desde que novamente combinamos de nos encontrar em Mikebuda Parque, tínhamos conversado em visitar algum outro lugar, este lugar foi escolhido por ressoar em nosso interior como uma busca de novas experiências, os relatos e comentários feitos por Silo e de diversos amigos sobre a cidade de Creta, nos transmitia muito interesse, não havia nenhum plano de produzir investigações, pesquisas, monografias, mais simplesmente conhecer



alguns lugares, como a Caverna do Minotauro, se é que existia, as cavernas de Zeus, as ruínas da Civilização Minoica e outros pontos que poderiam surgir em nosso caminho.

Então, juntamente com Dobonyi, partimos para Grécia, a partir deste momento foram-se sucedendo diversas anedotas, experiências e compreensões, nesta travessia fomos tendo contato não habituais, profundos registros.

Trouxe entre minhas coisas de Brasil, um livro guia descrevendo alguns mitos de diversas civilizações, na viagem desde Budapeste até a Grécia, fomos intercambiando e estudando alguns mitos e de como ressoava em nós tais histórias, era penetrante e atrativo o que compartilhávamos.

E nestas conversas foi-se tomando um caráter de aventura e de abertura, só não contávamos que teríamos algumas dificuldades e com isso surgiriam algumas discussões, que no decorrer foi compreendido com grande experiência de mobilidade, avanços e retrocessos, desconexão e distensão, com soltura e alegria.

Bom... voltando a nossa história, chegamos no aeroporto de Atenas, isto era por volta das 22.30, tínhamos apenas o contato de nosso amigo Christos, que conhecemos na inauguração do Parque Mikebuda e estava em Atenas naquele momento, nos ajudou e orientou de como proceder na cidade, com transportes e lugares para se hospedar. Também existia a possibilidade de hospedagem numa casa alugada por um plano na internet, mais que acabou não se confirmando as opções, coisas de última hora que não tivemos sorte. Nisso, com os celulares quase descarregados, tarde da noite e sem direção de hotéis, fomos para a parada de ônibus e ficamos ali esperando, eu via que algumas pessoas estavam dentro do veículo e uma parte de suas luzes internas apagadas, parecia que iria demorar um pouco a sair para o centro, eu como Rita esperava até que ela foi perguntar a uma pessoa, se teria que comprar bilhete ou pagaria diretamente dentro do ônibus, o motorista, um grego que já estava no final do trabalho, com aparência de esgotado, em pleno domingo, nos respondeu, é ali na bilheteria, enquanto Rita foi comprar as passagens, o ônibus saiu em disparada, nesse instante ela veio correndo em minha direção, gritando segura o ônibus, coloca o pé na porta da frente, eu, um latino achava raro e confusa aquela situação, como iria colocar o pé, um grego com cara de poucos amigos, não tinha na memória qual resposta poderia dar esta pessoa, pedir para parar, fiquei paralisado, não sabia nem por onde começar, teria que fazer a língua dos sinais, porque falo o mínimo de inglês, imagina grego...

Chegou outro ônibus e partimos para o centro da cidade, discutindo sobre o que tinha acontecido, o próximo ônibus levou uma hora para chegar ao centro, já passava da meia noite, e minha paisagem me colocava em alerta, pois este horário em qualquer País Sul Americano, no centro da cidade, com malas e uma tremenda pinta de turista, automaticamente me ligava e vinha esta conduta nas ruas atenienses, e Rita ao meu lado, pronunciava com sua voz cheia de sotaque, dizendo relaxa, relaxa... era rara a sensação, dizendo a um brasileiro relaxa...rsrsrs. Caía as crenças, me sentia como um peixe fora da água!

Chegando ao primeiro hotel, depois de andar um pouco e pedir informações, tivemos sorte, tinha vagas, mais era em quartos com muitas pessoas, o rapaz com ar jovial e simpático, fazendo o papel do bom grego, de coração, nos pediu para voltar em alguns instantes que iria verificar a possibilidade de algum quarto para duas pessoas, neste ínterim fomos procurar outros lugares, passamos por três hotéis, éramos informados que não tinha vagas, passando pelas ruas estreitas do bairro de Plaka, a uma da manhã, que parecia um labirinto, e num silêncio, fomos andando pelas belas ruas desta região, saindo numa avenida, nos deparamos com o primeiro monumento, que vislumbrávamos por alguns instantes, mais tarde saberíamos que era as ruínas do templo de Zeus.



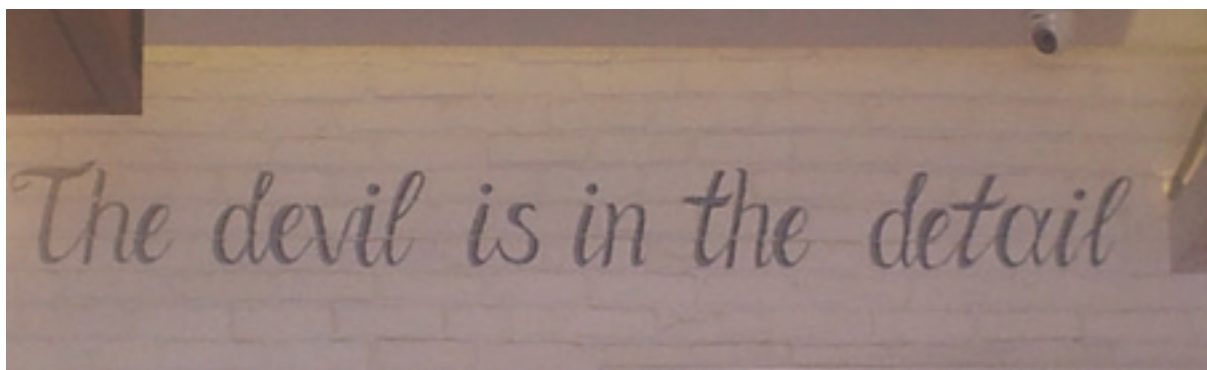
Voltando ao hotel, avistamos o recepcionista nos olhando sorridente, nos informa que teríamos uma possibilidade, mais seria bom conhecer o lugar, pediu para que Rita fosse até o quarto ver se estava bom. Fiquei na portaria e o único que pensava era pedir para que desse tudo certo e pudéssemos nos acomodar, por este dia minhas aventuras tinham-se esgotadas.

Depois de um tempo, ela volta com olhar expectante e diz, é o labirinto Ro, rsrsrs.... e eu que tinha pedido um lugar para meu guia... por favor, uma boa cama, um chuveiro quente, e a imagem que vinha na cabeça, era de um lugar úmido, pouca luz e cheio de pó. Nesta altura encarava qualquer

situação... preenchemos a ficha, e fomos para a nossa cova, ...subimos, descemos, passamos por corredores, me vinha na cabeça a experiência guiada, descíamos escadas em espiral e chegamos ao subterrâneo, entrando no ambiente deparei-me com o quarto limpo, com vários beliches, paredes recém pintadas e sem muita ventilação porque não havia janelas. Apesar de tudo estávamos felizes por encontrar este lugar, nos acomodamos e fomos tomar um bom café, num bar que ficava aberto 24hs, um rico capuchino , um sanduíche dos deuses, e um atendente do bar simpático e amigoso.

Saboreamos nossa rica comida e conversando tudo sobre o dia, desfrutamos e agradecemos aos guias por esta acolhida, passava das duas da manhã quando pudemos relaxar e descansar nossos corpos.

No dia seguinte, acordamos e ainda estava escuro, chamei a Rita e nos demos conta que já era as 10hs e como não havia janela no quarto, não percebemos que já era de dia. Arrumamos as coisas e saímos a procurar um lugar para se hospedar, porque o hostel não oferecia boas acomodações para mais um dia, uma discussão surgiu neste momento, para onde ?????. O sinal de wifi no hostel era péssimo e não havia lan houses, somente em cafés e além disso tínhamos que carregar o laptop, pois todas as informações constavam neste aparelhinho, uma tomada, internet e um café, era o que precisávamos, começamos a procurar, após caminhar algumas quadras, com malas e mochilas, encontramos alguns lugares, mais que não tinham tomadas próximas as mesas, e num destes cafe's, avistamos um letreiro, que estava escrito: "O Diabo esta nos Detalhes", nos olhamos e nossos olhares correspondiam a uma verdade. Neste momento nos relaxamos e fomos atrás desta tomadinha, deste cafezinho e uma conexão com o mundo virtual.



Rapidamente encontramos um hotel, nos acomodamos bem e saímos pela tarde para conhecer algumas ruínas, a primeira que encontramos foi a dos Keramicos, penetramos em seu interior

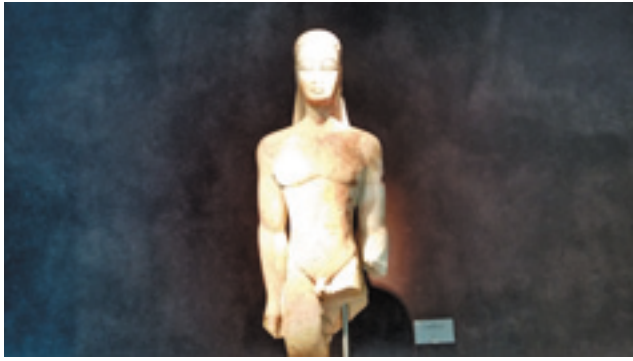


e fomos caminhando , lendo suas informações, percebíamos que ressoava em nosso interior, tinha algo místico neste lugar, em sua historia contava que existia uma porta para o caminho sagrado e onde se encontrava com outro caminho, que era das tumbas, um cemitério, onde neste cruzamento havia um santuário, repleto de oliveiras e uma figueira.



Nossa proposta não era estudar a historia destas civilizações, e sim ter um pequeno contexto e focar a atenção nas experiências que íamos obtendo com os lugares que para nós, sentíamos algum sinal com as imagens e os registros.

Dando toda volta pelo espaço, adentramos ao museu, olhando os objetos de mármore, argila, cerâmica, bronze, estatuas, pingentes. Todo este acervo nos remetia ao conhecimento da história antiga deste lugar..dos seus períodos, de seus artistas, de sua evolução...



Saímos deste lugar inspirados e agradecidos, e fomos tratar de alimentar o corpo, que necessitava de substancias. Iamos descobrindo lugares, ruas, praças, comidas... passando por um restaurante simples, um alegre rapaz que trabalhava de garçom, nos convidou para almoçar, servia uma bisteca de porco com batatas, mais nosso interesse estava numa salada, agradecemos sua simpatia e quando estávamos do outro lado da rua, ele nos chama e em sua mão estava um pedaço de carne, para que experimentássemos, falava que era especialidade da casa, com uma agradável surpresa, agradecemos e seguimos nosso caminho, sentindo os aromas, a rica comida exposta nas paredes dos restaurantes e seus habitantes diversos, vindo de várias partes do mundo, nesse momento encontramos uma feira, repleta de frutas, legumes, azeitonas de todos os tipos, estávamos nas nuvens, eram muitas coisas que só pelo olhar nos deliciávamos de alegria por ver tanta cor, tanta diversidade e tantos sabores...estávamos dentro de um antigo mercado grego, "Dionísio se apresentava"!

No dia seguinte, dando continuidade a nossa visita inspirada, fomos conhecer mais alguns lugares de Atenas, passamos pelo templo de Zeus, por seu portal e ruínas e seguimos para o estadio onde foi realizado a primeira olimpíada grega, passeamos por um enorme jardim, percebíamos uma atmosfera de conexão em nossa presença, pelos descobrimentos e sensações, pela historia evolutiva, por mais que muitos destes lugares pudessem representar outras coisas, mais nós sentíamos conectados nessa busca, sem expectativas, sem forçamentos...

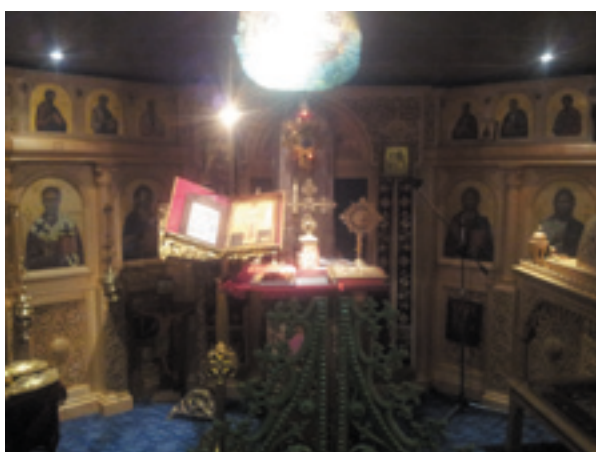


A noite deste dia partimos para cidade de Creta, um dos nossos objetivos principais ou poderia dizer o principal. Chegando ao porto, de onde sairia o ferry boat, gigantesco, que transportava dezenas de carros e centenas de pessoas.



Compramos as passagens e pegamos um ônibus dentro do porto, para nos levar no lugar onde estava ancorado o majestoso transporte, descemos do ônibus e após 2 minutos, Rita me pergunta, onde esta sua mochila ? tinha esquecido no ônibus, acho que era tanto o vislumbre por estar indo a este lugar, que me distrai, perguntamos num posto em nossa frente, nos informaram que ele iria até o final do porto e voltaria, ficamos esperando, quando chegou o motorista, nos entregou a mochila e nos diz: vocês estão com sorte, entrando no ferry, parecia que estávamos em um cruzeiro, com receptividade dos vários atendentes , pisos com tapetes e carpetes, escadas rolantes.

Nossa viagem duraria aproximadamente nove horas, Rita com seu pique de desbravadora e curiosa, foi conhecer o que tinha em seu interior, de volta, comentava que havia um imenso salão com café e restaurante com sofás confortáveis, em outra parte existia um altar com varias imagens, e uma delas era a de Poseidon, fui conhecer e fiz um pedido para que nos acompanhasse nesta travessia.



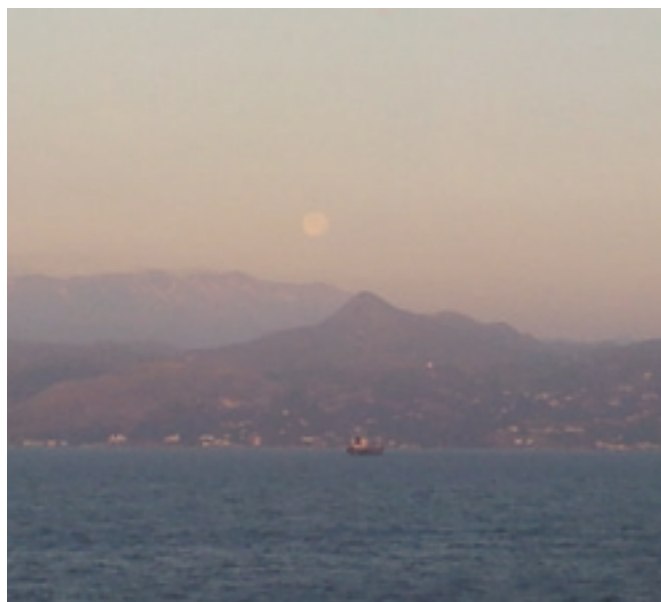
Desfrutando da paisagem no convés, conversando sobre vários temas, e com suave alegria íamos entrando na noite, as pessoas chegavam de diversos lugares, nos dávamos conta pelo idioma, passava da meia noite quando fazia frio no mediterrâneo, decidimos descer para nossas poltronas.

Entrando no ambiente, constatamos que não poderíamos ficar ali, o forte cheiro de suor e chulé era insuportável, decidimos buscar outro lugar, e nos chamava a atenção, nos sofás tinha malas, bolsas, blusas, ocupando espaços vazios e em outros lugares, pessoas sentadas, sem consumir e com espaço entre elas, que dava a medida de um corpo, ficamos um tempo, tomamos um café e depois saímos para fora, sentir a brisa e ver a noite, quando voltamos não víamos mais nenhuma cabecinha, estavam todos deitados nos sofás, e alguns procurando um lugarzinho, e os garçons firmes seguindo na sua função, encontrar algum cliente.

Como não havia mais espaço naquele imenso salão, encontramos um lugar no chão em outro compartimento, um dos poucos que sobrava, que cabia exatamente dois corpos deitados, como o piso era todo de carpete, achávamos que iríamos ficar cómodos, mais ao deitar-se, demos conta da vibração dos motores do majestade, trepidava nossos corpos, eram varias tentativas de ajeitar-se, eu olhava meus vizinhos de chão dormindo e pensava, deve ter alguma forma, me lembrei dos tempos de camping... exaustos e com jeitinho conseguimos dormir um pouco.



Ao amanhecer o dia, a paisagem nos brindou, na parte superior do majestade, de um lado o sol, numa cor irradiante aparecia para festejar o dia e anunciar sua chegada e do outro a lua cheia se punha em sua morada. Era harmonioso e respeitoso, como corpos queridos que abriam espaços no céu, para levar a vida e nutrir aos seres da terra, não se opunham entre si e se complementavam. Por um momento ficamos contemplando e deixando que fluíssem os melhores sentimentos, pensamentos. "Quanta descoberta e conhecimento foi adquirido pelo ser humano, através destes corpos celestes."



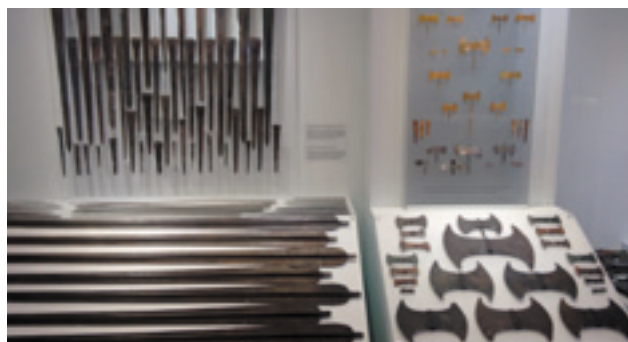


Creta estava a vista e nós estávamos contentes, entrando em sua terra fomos para nossa casa alugada em Iraklion, chegando na mesma, não correspondia a descrição ou não tínhamos nos dado conta, que a casa não possuía internet, para nós era importante, pois queríamos pesquisar lugares, estudar, ver alguns vídeos, materiais. Outra vez necessitávamos do nosso aparelhinho, uma conexão e claro, um bom café. Conversamos com o proprietário e decidimos não ficar no lugar, procuramos outro apartamento, rapidamente alugamos, mais próximo ao centro e de tudo que necessitávamos, foi se dando situações, e como pudemos resolver após discutirmos, nos dava conta que íamos superando-as e aclarando cotidianamente nosso interesse.

Ao dia seguinte, fomos conhecer o Palácio de Knossos, civilização Minoica, em suas ruínas pudemos sentir a presença em nossa história, através de suas construções, de sua pintura, do seu conhecimento, dos seus rituais...a antiguidade acumulava os feitos do processo humano. Rodeado por algumas colinas, as ruínas desta civilização deixava em nós o registro do desenvolvimento, de sua mística, em seus melhores períodos reconhecíamos suas descobertas, experiências e avanços... Pudemos perceber logo após ir visitar o museu arqueológico e olhar as milhares de peças produzidas, o conhecimento adquirido por esta civilização nos surpreendia e nos alegrava.



Começamos a experimentar com mais força o fato de estarmos em terras cretenses, sentindo a presença da história viva daquele lugar; suspeitando, com isso, que havia muito para ser experimentado, lugares de contato com o sagrado, com os mitos e de como tudo isso ia se traduzindo em nosso interior.



Nas manhãs seguintes, como vínhamos muito cansados e com muitas imagens e registros para ser integrados, o sono era mais longo e, assim, acordávamos mais tarde. Neste dia a proposta era conhecer alguma caverna, e nosso interesse era a “caverna do Minotauro” – se é que tal lugar existia, pensava eu.

Iniciamos uma discussão nesse interim e fui, então, tomar uma ducha. Logo depois, escuto a Rita dizendo “Achei a caverna!” Saio da ducha com alegria e ela me mostra na internet o que havia encontrado. Começamos a pesquisar e nos inteiramos de indícios que demonstravam que aquele lugar poderia ser o lugar que procurávamos. Mas, independentemente se era ou não, não importava, porque naquele momento estávamos conectados em nossa busca, e isso era o que ressoava.

Tínhamos somente o nome do lugar - Skotino. Saímos e, chegando ao centro, fomos até um museu arqueológico, crenes de que encontraríamos a informação que precisávamos. A primeira pessoa que nos atendeu, com simpatia, nos respondeu que morava próximo ao lugar que indicamos e nos passou todas as informações detalhadas de como chegar ao nosso destino. Seguimos inspirados e o caminho foi leve, elevado pelo destino que ansiávamos encontrar. Andamos por 700 metros e chegamos ao ponto do ônibus que nos levaria até o lugar. Viajamos por vinte cinco minutos até chegar na décima quinta parada, num lugar chamado Gouves. Ao lado direito estavam as colinas e seus mistérios; ao lado esquerdo Poseidon nos presenteava com o mediterrâneo; Zeus, por sua vez, nos dava um límpido céu azul. Se este era o lugar dos deuses, estávamos bem acompanhados...



Neste lugar encontramos com alguns transportadores, por assim dizer, que poderiam nos levar ao templo da caverna. Contudo, isso acabaria nos custando muito caro, e além disso diziam, eles, que seria um caminho longo e difícil, de forma que não nos pareceu conveniente continuar nosso caminho com eles, pois não sentimos que o caminho seria agradável e inspirador a partir dessa inicial conversa.

Então, nos demos conta que do outro lado da via, próximo ao mar, existiam meios de transporte que poderíamos alugar e nos transportar até o lugar querido. Chegando ali nos deparamos com uma anciã, que aparentava muitos anos e muitas histórias, e que começou a contar-nos sobre sua vida, enquanto nos olhava com olhar afetuoso e vibrante, dizendo que éramos boas pessoas.

Com um olhar atencioso e prestativo nos mostrava, através de um mapa desenhado com suas mãos surradas – ainda que transmitisse leveza em seus traços – indicou-nos o caminho. Assim, entramos em nosso transporte e partimos para as colinas, rumo ao nosso destino. Em cada metro andado sentíamos uma alegria profunda; era a atmosfera que gerava em nós essa busca, pela vivência que estávamos experimentando.



Seguindo a orientação da anciã, percorremos o caminho, passando por vilarejos, estradas e curvas, que remontavam à épocas antigas. A beleza da vida e da arquitetura do humano, até chegar ao topo de uma colina. De longe avistamos uma pequena capela. Chegando, nos demos conta da entrada – havia uma placa com o nome da caverna conhecida por Paraskevi. Lá, um grupo de jovens saindo nos recepcionava com cumprimentos, e então, a partir deste momento, ficamos sozinhos.

Na entrada nos olhamos com ar de satisfação e silêncio, e voltando o olhar para a caverna, cada um se preparou internamente para penetrar em suas profundezas.

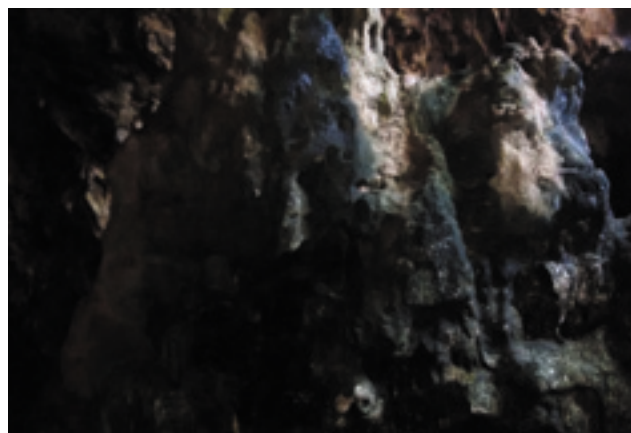


De início, fui percebendo e sentindo a umidade do ambiente, sua escuridão, suas pedras e paredes com diversas formas em estalagmites e estalactites. Havia sinais de luz ao começo e, à medida que entrávamos, a luz diminuía, nos dando pouca visão do lugar. Era um ambiente raro, com sensações raras – cuidado, hesito e um pouco de medo, tudo misturado.



Ao mesmo tempo que observava o lugar um mundo de sensações e cadeias associativas vinham na imaginação; as formas das pedras e os atributos das alegorias que representávamos produziam uma comoção, e eu me sentia completamente envolvido, entregue e conectado.

Encontramos umas pedras ao fundo do segundo nível da caverna aonde foi possível sentar-nos comodamente. Ali, nos dispusemos devocionalmente a meditar e a entregar-nos com maior profundidade.



Num primeiro momento, dada a escuridão, a umidade do lugar e toda a carga que representava este espaço, fui perdendo contato com meu corpo, como se estivesse anestesiado, quieto, repousando. Depois de algum tempo, induzindo-me a um silêncio mental, evocava meu guia, para que me acompanhasse.

Passados alguns minutos, as perguntas iam surgindo...O que vieste fazer aqui, o que buscas ???

Meditando, deixando que o coração se expressasse, a partir de um pedido de ajuda, de um querer imenso, lhe respondia com algo que havia surgido naquele momento, o sentimento mais querido, mais necessitado: destruir minhas contradições...superar os meus desejos grosseiros...e também a violência interna. Após um silêncio escuto internamente: " Este Minotauro que tu persegues está em teu passado, e contamina teu futuro..."

Passado um longo tempo, em que vinham algumas imagens da minha vida, pedi pelo fortalecimento de minha direção, para encontrar a alegria e a paz.

Num ato de aceitação, afetividade e humildade, me sentia luminosa-mente envolvido com meu guia, com sua força, sua sabedoria e bondade. A partir deste instante, um forte sentimento se anunciava para deixar todas as falsas esperanças, o apego as ilusões....

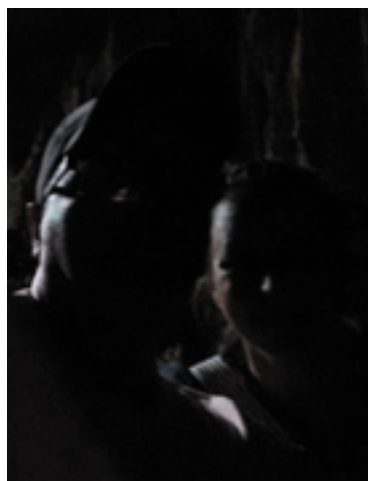


Era um registro de liberdade interna, profunda e suave, como o sol e o vento de uma manhã de primavera. Fiquei neste estado por algum tempo, até o momento em que percebi ter terminado meu trabalho.

Agradei ao guia por tudo, por sua generosidade e compreensão, por sua confiança de nunca ter me abandonado – ainda que por muitas vezes eu é que tinha abandonado, e quando isso acontecia, percebia que minha fé se distanciava e perdia o contato com meu centro.

Por último, peço ao meu guia que fortaleça minha fé interna e, me levantando lentamente, ainda muito conectado, percebo dois caminhos opostos, um que está no fundo da caverna, na escuridão das trevas e da confusão e outro, da saída, que irradiava com sua luz a esperança. Aí, agradeço mais uma vez e me proponho a dar unidade interna e a continuar a construção através destas experiências para uma nova realidade.

Neste momento observo a Rita, que estava a poucos metros. Com muito afeto desejo-lhe o melhor. Estava ela em seus trabalhos, na mesma busca. Com cuidado me levanto e me afasto, e aguardo que termine.



Caminhamos para a saída da caverna, conversando com ar de muita inspiração. Ficamos ali mais um tempo e, saindo, passamos por um agradável bosque de palhas secas no chão e pinheiros. Escutávamos o som do vento e dos pássaros... a Fênix sobrevoava e nós contemplávamos e nos sentíamos muito bem na harmonia da paisagem.

Nesse instante surge a proposta de fazermos o ofício do fogo neste lugar.



Chegam então novos visitantes; nos cumprimentamos e fomos embora. No caminho de volta, nos deparamos com os moradores do lugar, típicos anciãos deste vilarejo, que saudamos e recebemos em troca seus cumprimentos de bom fim de tarde.

Nesta noite nos encontramos com nosso amigo Kostas, com quem, junto de um gostoso frio capuchino e um saboroso doce grego, conversamos sobre nossas experiências, sobre nossos projetos e de como havia sido inspirador a inauguração do Parque Mikebuda.



Ele, então, nos comentou sobre uma experiência que teve numa caverna chamada Ilítia – referência à Deusa do Parto – aonde as mulheres grávidas iam para pedir proteção e que tivesse um bom parto. Tal lugar despertou nosso interesse, especialmente por ser nosso último dia em Creta.

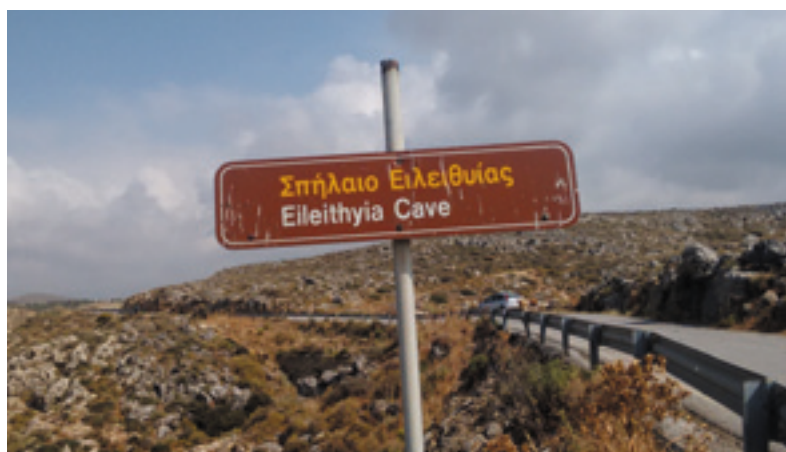
Assim, comentamos com Kostas e ele, apesar de ter nos dito que teria um dia muito atarefado, se ofereceu em nos levar. No dia seguinte, nos comunica Kostas que não seria mais possível nos levar, e então ficamos de nos despedir mais tarde, no porto de Creta.

Estávamos inspirados e ainda tínhamos tempo, pois teríamos que regressar somente as 21hs, horário que o majestoso voltaria para Atenas. Resolvemos, então, pesquisar aonde era o lugar e como faríamos para chegar até a caverna. Encontramos e fomos em busca de mais uma experiência.

Pegamos um ônibus e descemos em seu ponto final. Em seguida, pegamos outro ônibus que nos levaria ao início de outra cidade.

Como não sabíamos exatamente aonde era – vez que tínhamos somente indicações de um hotel mais ou menos próximo, que ficava na mesma região – pedimos à cobradora que nos avisasse o ponto de descida, o que, por um descuido, não aconteceu, e passamos do lugar, descendo a 2Km de distância.

Esperamos outro ônibus para regressar e descer no ponto exato que pretendíamos. Então, no lugar aonde estávamos, perguntamos em um pequeno comércio onde ficava nosso destino e nos informaram como chegar.



Indo em direção as colinas, seguimos a pé, e avistamos uma pequena placa escrita que indicava aonde era a caverna. Fomos subindo numa estradinha de muitas curvas e contemplando o cenário que ia se abrindo em nossa frente; a temperatura alta e o sol intenso nos fatigava. Num momento não havia mais placas e por intuição concordamos que o caminho era pela estrada que estava a nossa direita.

Depois de caminhar por vinte minutos, subindo as colinas, vimos uma plaquinha escrito Caverna de Ilítia. Olhamos ao redor e não havia nada, apenas uma figueira no meio da colina. Pensamos, então, em seguir mais adiante, subir um pouco mais...Cansados pela caminhada abaixo do irradiante sol, tomamos um pouco de água e me deu aquela vontade de fazer xixi. Fui, então, atrás de uma árvore e dei uma gostosa mijada, relaxando minha bexiga.

Avistei dali uma pequena entrada com grade, e comentando com a Dobonyi que estava na parte de cima, veio ao meu encontro e disse "Aqui é a caverna!!!".

Sentimos um forte cheiro de arruda, e puts....me dei conta que tinha mijado encima da caverna da deusa Ilítia, filha de Zeus, Protetora do Parto e uma das plantas mais antigas e sagrada cultivadas pelo homem...que insolência.

Nesse instante Rita ria pelo ocorrido, e eu, tentava argumentar que tinha uma medicina que tratava algumas enfermidades com a própria urina... com risadas nos divertimos do encontro e de como tinha acontecido.

Fomos entrando na pequena caverna... As entradas sempre eram um cerimonial de conexão, pedidos, silêncio...



De imediato avistamos a imagem na rocha que parecia com a barriga de uma grávida, que nosso amigo Kostas havia descrito. Ali, ficamos contemplando e fazendo nossos pedidos, já inseridos com a atmosfera do lugar e com muita disposição frente ao contato.

Ao fundo da caverna existia uma espécie de altar. Os olhares atentos e a observação era um ato de descobertas e ressonâncias.

A sensação de umidade, temperatura, era a mesma que tinha sentido na primeira caverna visitada. Mas percebia que ali os registros eram outros; sentia-me seguro, cálido...a carga afetiva era bem diferente. Nos sentamos ao fundo da caverna – lugar com pequenos raios de luz – aonde cada um tomou seu tempo para seus trabalhos...

No seu término, saímos para tomar nota do que tínhamos passado dentro da caverna, e os relatos dos registros que tivemos eram muito parecidos, foi algo muito reconfortante, um acordo profundo, um pedido de desculpas por todos erros grosseiros cometidos e um encontro de paz reconciliadora,





que inundava e fazia crescer a compaixão e o bom trato, a comunicação interna com uma memória verdadeira.

Apoiados sobre uma pedra conversamos e olhamos a belíssima natureza que presenciávamos a nossa frente, do alto da colina. O mar e sua paisagem em volta me fez recordar: "O reconhecimento do fracasso abre a esperança para uma nova realidade"



Um momento depois um rebanho de ovelhas nos brinda com sua companhia... havia dezenas de filhotes passando em nossa frente, e esta cena fez invadir em nosso interior uma grande alegria, e aí nos confraternizávamos!



De retorno a Atenas, subindo novamente ao majestoso, agradecendo pelos dias passados neste inspirador lugar, tratamos de assegurar um sofá para passarmos a noite – desta vez tivemos mais sorte e pudemos ter uma noite de sono mais relaxada.

Chegando a Atenas fomos recebidos por um novo amigo grego – professor de tango que nos alugou seu apartamento. Passados alguns dias pudemos conversar e estreitar nossos laços de amizade; sua sensibilidade e o recíproco interesse nos possibilitou falar sobre a mensagem e convidá-lo para uma cerimônia. Entrando em temas mais profundos, nos contou de uma experiência que havia tido tempos atrás.

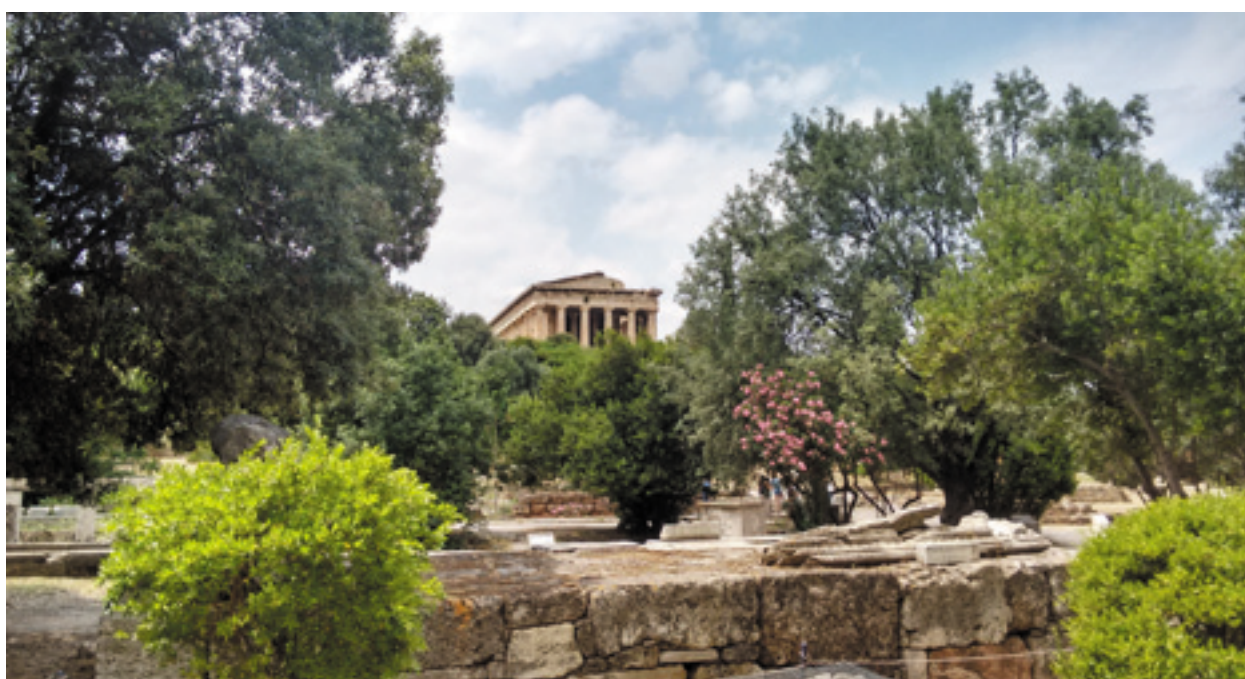
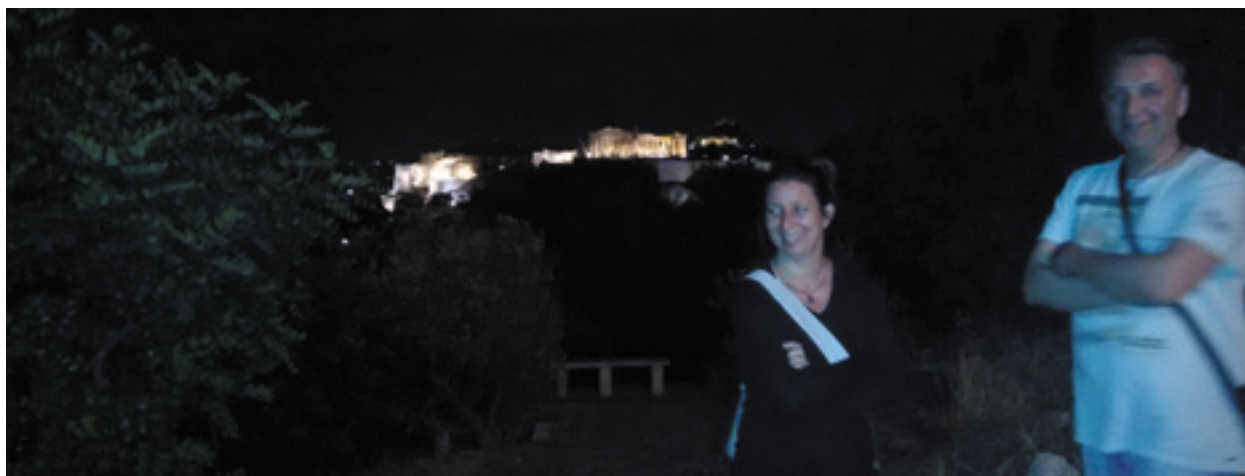
Investia, ele, seu dinheiro em ações, depois de ter ganho uma pequena fortuna, ia comprar uma casa e surgiu uma nova oportunidade de investir no mercado. Então, por um curto período, as ações despencaram e acabou perdendo todas suas economias. Num ato de desespero subiu no último andar de um prédio e, disposto a se jogar, parou um tempo... Sentia que os deuses lhe tocavam o coração... Então, retrocedendo, agradeceu e voltou para sua casa.

Na segunda noite, agradavelmente hospedados, por volta das duas da madrugada, sentimos um forte tremor de terra. Rita acorda levemente assustada e me pergunta o que está acontecendo. Digo que a terra estava tremendo, que as vezes acontece nessa região e que já tinha passado por isso em missão na Guatemala. Era o mesmo registro de desestabilização, só que desta vez estávamos no sétimo andar, e o chão estava mais longe.



Nos últimos dias nesta região estivemos participando de um encontro com cerimônias na casa da Mara, junto com amigos em Atenas, onde estivemos imersos em uma atmosfera afetuosa, alegre e de significativas experiências...e um gostoso doce grego.

Também pudemos visitar mais alguns lugares históricos e mitológicos como Acrópolis, o templo de Hefesto. Parando em frente a este templo me recordei do mito de Prometeo, e meditei sobre o dar desprendido, a ajuda e ação válida... o caminho de vida e de unidade interna.



Passamos também pela região de Ágora e pelos bosques da democracia grega e também a prisão de Sócrates, apresentada pelo nosso amigo Christos.

Sentíamos, aí, envolvidos numa conversa de contentamento e agradecimento que nos acompanhava nestes últimos momentos, por todo nosso passeio.

Descrevendo este relato, sintetizei alguns aforismos e registros desta viagem, a bordo deste tempo e espaço.

Na medida que transitava surgia sinais em zonas de luz e de sombra, onde a consciência liberava-se de sua própria batalha, dando passagem para uma força que vinha desde atrás, desde as melhores aspirações do processo humano, essa força que impulsiona para o futuro e nos transporta para um centro luminoso, conectando espaços sem tempo, em infinitas direções onde se manifesta o sagrado.

Depois destas experiências vou me dando conta de outras formas, condutas e espaços energéticos que foram se abrindo, conforme o interesse se ia colocando no que realmente se necessita, sente e compreende. Se acumula a unidade e o propósito se apresenta cotidianamente. Um centro que vai se fortalecendo e iluminando-se. Uma imaginação acompanhada de fortes registros, transportando todo conhecimento desta época para o futuro, me fazia lembrar de diversos ensinamentos de Silo, Mestre dos Espaços Sagrados.

Sentia os registros destes dois espaços, a dualidade destas sensações produziam a compreensão da real importância de perceber, entre a vida desperta e o sem sentido, entre o importante e o secundário, entre a experiência e a negação, entre a verdade interior e a confusão...entre o sentido e a ilusão, entre o que foi feito e o que necessitamos..

Neste processo, destilando seu conteúdo, chegava a perceber a luz que surgia em sua essência, purificava-se em alta temperatura dando um novo sentido. O feminino e masculino se fundiam num corpo em movimento, em liberação, transformando-se em um espírito unitivo evolutivo..

O cenário representava um grande teatro alegórico, atributos foram-se construindo intuitivamente numa imagem afetiva, a intenção de decifrar a profundidade dos espaços sagrados me comovia e me despertava, a imortalidade abria caminho para eternidade.

O registro baseado em experiências neste tempo e história, que nos cerca no decorrer deste momento, que nos toca viver neste espaço, evidenciava a certeza de uma outra realidade, da busca humana pelo descobrimento da imortalidade, isto não sentia que estava escrito em muros, nem em quadros, nem em estátuas, oliveiras ou figueiras, mais estava sentido no horizonte espiritual da necessidade, que impulsiona todo humilde ato desprendido e ilumina a direção do sentido em nossas vidas.

De volta a Budapeste, continuava sentindo os reflexos desta inesquecível experiência, estava conectado com o profundo e com a energia direcionada ao elevado desejo de avançar, aprender sem limites e comunicar o bom que tinha me acontecido para os outros.

Nos dias seguintes, com toda atmosfera da experiência vivida, tive um sonho significativo.

Sonhei uma enorme sala suspensa sobre as altas cadeias montanhosas de ponta de vacas, era um dia radiante, com muita luz. Neste momento escutava uma voz que dizia "Cumpra com Mandamentos Simples". Em seguida, vejo que as quatro entradas da sala estavam abertas e as pessoas passavam

para seu interior, não reconhecia ninguém, apenas percebia e sentia seres luminosos que me transmitiam uma sublime alegria. Neste momento, no centro da sala intensamente iluminada, aparece a imagem de Silo com seu sorriso contagiante e com olhar sereno, dando-nos as boas vindas a todos, dizendo; " Aqui estamos de novo....!! "

25/07/2015

Obrigado Amigos, obrigado Conjunto, obrigado Silo!

Rogério Ceroni
Parque Caucaia